

DE S. I O A M

BAPTISTA

NA PROFISSAM DA SENHORA MADRE
Soror Maria da Cruz, filha do Excellentissimo Duque
de Medina-Sydonia, Sobrinha da Raynha N. Senhora,
Religiosa de Sam Francisco.

No Mosteiro de Nossa Senhora da Quietacãm das Framẽgas
em Alcantara. Estando o Santissimo Sacramento exposto, Af-
sistiraõ suas Magestades, & Altezas.

Peregouo o P. Antonio Vicira da Companhia de Iesus.

*Elisabeth impletum est tempus parienti & peperit filium; & audierunt vicini, & cognati
ejus quia magnificavit Dominus misericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei.
Et venerunt circumcidere puerum, & vocabant eum nomine patris sui Zachariam. Et res-
pondens mater ejus dixit: Nequaquam sed vocabitur Joannes, Luc. cap. 1,*

SENHOR.

NO dia em que nasce a Voz de Deos, justamente emudecem as vo-
zes dos homẽs. Admiraçõens emudecidas são a retorica deste dia:
mirati sunt universi; pasmos, & assombros são as eloquencias desta
acção: *Factus est timor super omnes vicinos eorum.* He dia hoje de falla-
rem os corações, & de calarem as lingoas: por isso a lingua de Zacharias, e-
mudeceu, por isso os corações dos Montanhazes fallavaõ. *Posuerunt in corde
suo dicentes.* E se em qualquer dia do grãde Baptista he perigoso o fallar, & os dis-
cursos mais discretos são os que se remetem ao silencio; que será hoje no con-
curso de tantas obrigaçõens, em que as cousas do temor, & os motivos da
admiração se vem tão crecidos? Se toda a rezam dos assombros no nacimẽto
do Baptista era verem que dava Deos, a huma alma a mão de amigo: *Et enim
manus Domini erat cum illo.* Quanto mais deve assombrar hoje nossa admiração
ver que de Deos a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat
cum illa.* Disse Origines, que dar Deos a mão ao Baptista sey des-
posorio com sua esposa: mas muito vay de desposorio a desposorio, porq̃ vay
muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; não
desposarse Deos nos palacẽs: Deos desposado no Paço maravilha grand
He caso este em q̃ acho contra as antigas descrições.

Se lermos o Profeta Oséas acharemos, que querendo Deos desposar a hũa alma disse que a levaria primeiro a hũ deserto: *Ducam eam in solitudinem, & locar ad cor ejus.* Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos que lembrado Deos a Hierusalé o tópo, q̄ cõ ella se desposara, advertio que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuae quando sequitur es me in deserto,* Se lermos os Cantares de Salam acharemos, que os desposorios da quella alma, sobre todas querida de Deos, nũ deserto se trataraõ, noutro deserto se cõseguiãõ: *Quae est ista que ascendit per desertum:* dis no cap. 3. *Quae est ista que ascendit de deserto immixta super dilectum suum:* dis no cap. 8. Mas pera que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que està presente nos pôde escusar a prova? O mysterio em q̄ Deos mais propriamente se desposa cõ as almas he o Sacramêto soberano da Eucharistia. Porq̄ nelle (como gravemente notou S. Agostinho) por meyo da união do corpo de Christo se verifica entre Deos, & homẽ: *Erit duo in carne una.* E se buscarmos os lugares em que Deos figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, q̄ os principaes, alli no velho como no novo testamêto, foraõ desertos. A principal figura do Sacramêto no testamêto velho foi o Maná, durou 40. annos. & todos foraõ de deserto: *Patres nostri manducaverunt Manã in deserto.* A principal figura do Sacramento no testamento novo, toy o milagre dos cinco pães, & o milagre dos leite, & ambos socederão no deserto: *Desertus locus est, & non habet quod manducent. Vnde vos quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Pois qual he a rezõa (pera q̄ mais fundamente nos admiremos) qual he a rezão porq̄ se desposa Deos nos desertos se pre? Não he o Monarca universal do mundo, não he o Principe eterno da gloria Pois já que ha de desposar e desigualmente na terra, porq̄ nam busca esposa cõ menos desigualdade nas Cortes & nos paços dos Reys, senãõ nos desertos & nas soledades?

A rezão he porq̄ esposa com as qualidades de q̄ Deos se agrada, não se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sacramêto nos fundou a duvida? S. Ioã nos fundarã a resposta. Fez Christo hũ Panegrico do Baptista (q̄ de tam grãde fogueito sò Deos pode ser bastante orador) as palavras foraõ poucas a sustancia muita, & começou o Senhor alli: *Quid existis in desertum videre? Homine mollium vestitum? Ecce qui mollium vestitum indomibus regum sum,* Sabeis que he Ioãõ, esse a que todos sabis a ver (diz Christo.) He hũ homẽ q̄ vive no deserto: não he dos homẽs q̄ vivẽ no paço. Notavel dizer! Pois Sñor este he o thema q̄ vós tomais pera pregar do Baptista? Quando quereis concluir, q̄ he o maior dos nacidos, fundais o Sermão em q̄ vive no deserto, & não vive no paço? Si. Tãda a perfeiçãõ resumida consiste, como dizẽ os Theologos: *In prosequuntur, & sequitur, & em fugit: em seguir a virtude, & em fugir o vicio.* Por isso os preceitos ecclesiasticos, & divinos hũs sãõ positivos, outros negativos. Os q̄ nos mãdãõ seguir o bẽ, os negativos q̄ nos mãdãõ fugir o mal. Os q̄ nos mãdãõ seguir a poucos fundamentos de perfeiçãõ de Christo, q̄ he? Dize hũ homẽ, q̄ seguia a fúria de todo mal. E pera fazer q̄ fugia todo mal, disse, q̄ não vivẽ no paço. E viu ilhe Christo a vida pelo lugar,

& pera dizer que era, disse onde morava. Inda não digó bẽ. Pera dizer que era disse onde morava, & onde não morava. Pera dizer que era homẽ do Ceo, disse que morava no deserto: pera dizer que não era homẽ da terra, disse que não morava no Paço. E que citando os Paços dos Reys da terra tão mal reputados cõ Deos, que aquelle Sñor, que só se desposava nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio: maravilha grande.

Mas qual será a rezão desta maravilha? Qual será a rezão, por que Deos, que só se desposava nos desertos, hoje se desposa no Paço? A rezão he; por que o Paço das Rainhas de Portugal he Paço cõ propriedades de deserto. Deos cõmumente desposase no deserto, por que não acha no deserto as condições do Paço: hoje desposase no Paço, por que achou no Paço as condições do deserto. Quando a Job no meyo de seus trabalhos lhe parecia melhor a morte que a vida, entre as queixas que fazia della, disse desta maneira. *Et nũc requiescerẽ eũ Regibus, & Cõsulibus, quia edificant sibi solitudines.* Se eu fora morto estiveira eu agora descansado entre os outros Reys, & Principes, que edificão desertos. Notavel modo de fallar: *Cũ Regibus qui edificant solitudines:* Reys edificão desertos! Se dissera Reys que edificão palacios; bẽ estava: mas Reys que edificão desertos! Os desertos edificãose? Antes desfazendo edificios, he que se fazẽ desertos. Pois que Reys são estes, que treçãõ os termos à Architectura, que Reys são estes, que edificão desertos? São aquelles Reys (dis S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reas de tal maneira se contenporizã cõ a vaidade da terra, que se trata principalmente da verdade do Ceo; & Paços onde se serve a Deos como nos hermos, não são Paços, são desertos: *Qui edificant sibi solitudines.* Bẽ dito, que edificão; por que ha duas maneiras de edificar: edificar por edificio, edificar por edificação. O edificio fas dos desertos Palacios, a edificação fas dos palacios desertos. Hũ paço onde se serve a Deos he hũ deserto edificado. Paço onde sò Deos se serve, & o mũdo só se cõtêporiza: onde a clausura cõpete cõ a das Religioes: onde as galas são dissimulação do cilicio: onde a licença do galateo, a liberdade dos saraos, e outras mal entedidas grãdefas são exercicios de spiritu: onde sair do paço pera o noviciado mais he a udar de casa que de vida: este hermo cortezãõ não lhe chamẽ paço, chamẽlhe deserto: *qui edificat sibi solitudines.* Lã disse Socrates do Emperador Theodosio II. que fora tão religioso Principe, & tão reformador da cesa Real, que cõtẽvera o paço em mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset a Monasterio.* Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde, & atenho ainda por mayor, que a do outro Theodosio, O outro Theodosio fellã, o nosso achouno outro criou esta reformaçãõ, o nosso criase nelle. O que grandes fundamentos para tão grãdes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantos palacios de deserto, que muito, que Deos costumado a se desposar nos desertos, como vejamos hoje desposado no Paço? Cessem pois as admiracões e contempções dos Montães, rompãõ o silencio como de Zacharias, & celebremos a tal reformaçãõ. Pois nos da licença o nasim: *Et apertum est illud et*

Vardadeiramente que me vi e bato a cabeça no coraço das obrigações de ho-

porq̃ são todas tão grandes, q̃ cada hũa pedia o Sermaõ todo. Pera não errar aconselheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & figurei sua doutrina: *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet*. Eu sou amigo de Christo (dis S. Ioaõ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa será de S. Ioaõ, o dia será da esposa, & o Evangelho se acomodará tanto a hũ, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos cõ elle, sem nos apartar hũ pôto.

Elisabet impletum est tempus pariendi; & peperit filium. Isabel depois de cõprido o tempo dos nove mezes foy mãy de hum filho. Aquella palavra *impletum est tempus*, depois de comprido o tẽpo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Nam estava claro q̃ S. Ioam avia de nacer como os outros homẽs, passando o tempo que a natureza limitou pera o nascimento? Pois porque diz hũa cousa superflua o Evangelista, q̃ nasceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus*? O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, q̃ não foy superflua esta advertencia senãõ muito necessaria; supposto q̃ em S. Ioaõ se anticipaõ tâto as leys da natureza, q̃ aos seis mezes de concebido já tinha vzo de rezãõ. E quem anticipou o vzo de rezãõ tanos annos podia se cuidar que també anticiparia o nascimento algũs mezes. Pois pera q̃ se foubesfe, que não foy assim, diga o Evangelista que nasceo S. Ioam depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus*. Esta he a verdadeira intelligencia deste texto: mas quãto mais verdadeira, tâto mais funda a minha duvida. Que se diga que S. Ioaõ nasceo comprido o tẽpo, porq̃ não anticipou o nascimento, bẽ dito está; mas porque o não anticipou? Porque não anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tempo do vzo de rezãõ? O uzo de rezãõ, segũdo as leys da natureza, avia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos nove mezes da conceiçãõ. Pois se anticipou o uzo da rezãõ tâtos annos, porque não anticipou o nascimento algũs mezes? Porq̃ o nascimento pertence à vida da natureza, o uzo de rezãõ pertence á vida da graça; & nas materias temporaes o q̃ custuma fazer o tẽpo, bẽ he q̃ o faça o tempo; nas materias espirituaes o que custuma fazer o tempo, melhor he q̃ o faça a rezãõ. Pera nacer ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o tẽpo: pera nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, façãõ a rezãõ. Caminhava Christo de Bethania pera Hierusalem, viõ no campo hũa figueira muito copada, chegou, & como não achasse mais que folhas, amaldiçooa. E nota o Evangelista S. Marcos (cousa muito digna de se notar) q̃ não era tẽpo daquella arvore ter fructo: *Non erat tempus siccum*. Pois valhame Deos: passãõ aqui todos os Doutores. Senãõ era tẽpo de fructo, pera q̃ o foy Christo bẽ car? E se o não achou, quando o não avia, porq̃ castigou a arvore? Se a castigaõ tinha ella obrigaçãõ de ter fructo. E senãõ era tẽpo, como tinha esta obrigaçãõ, tinha esta obrigaçãõ (diz S. Chrysostomo) porque ainda que por a Primavera não avia fructos ao tempo, por Deos q̃ quer servir d'elle. Mas a rezãõ das vijdas da rezãõ não ha de esferar pelos vagares do tempo. Pera dar fructo ao mundo faça o tempo o que ha de fazer o tempo: *Elisabet impletum est tempus*

mas pera dar frutos a Deos, o que hade fazer o tempo, fação a rezaõ: *Exultavit infans in utero*. Esta he huma das excellencias, q̄ eu venero muito entre as grandes do Baptista: ser hum homem em q̄ fez a rezaõ, o q̄ fã nos outros o tempo. Esperarẽ os annos pela rezam isso acontece a todos, mas adiantar-se a rezaõ aos annos, fizera a rezam o que avia de fazer o tempo: isto sò se acha no Baptista: se bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equivocado temos hoje o anno: o Abril mudado em Setembro, & os frutos que avia de amuderecer o tempo, sazoados na rezaõ! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senaõ a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra tempus putationis adventi*? Assim obedecem os tempos, onde assim domina a rezam. Que ja o mundo, & a vida nam saibão enganar? Que vejamos tantos defenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fez a rezam o que avia de fazer o tempo. Seguirẽse aos annos os defenganos, he fazer o tempo o q̄ faz o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fazer a rezam o que o tempo avia de fazer. Queixavase Marco Tulio, que sendo os homẽs racionaes, pudessem mais com elles o discurso do tempo, q̄ o discurso da rezaõ. Mas hoje vemos o discurso da rezaõ mais poderoso que o discurso do tempo. Que nam bastasse noventa annos pera dar fizo a Heli, & que bastem dezoito annos pera fazer fezudo a Samuel? O que grande victoria da rezaõ, contra a se rezaõ do tempo! Huma velhice enganada, he a maior sem rezaõ do tempo: Hũa mocidade defenganada he a maior victoria da rezaõ. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear defenganos; & que os cabellos de Absalam na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pès de Christo cõ os cabellos, mas que os não corte; & que haja outra Maria que ponha aos pès de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Jacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel, he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grande valor da rezam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregar-lha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Que dedica a Deos os ultimos annos, fas Christaõ o temor da morte: que lhe consagra os primeiros, fas Religioso o amor da vida.

As batalhas de rezaõ cõ os annos he hũa guerra em que resistem mais os poucos, que os muitos. Deixarem-se vencer da rezam os muitos annos, não he muito: mas de searem-se vencer, & convencer os poucos, grande poder da rezaõ! E mais considerarmos a resistencia favorecida do fizio. Poucos annos, & nas mortinhas (como erã os do Baptista) não he tanto, q̄ senaõ defendão à força. O mesmo poucos annos, & em palacio, convencidos, & defenganados! O victor Offereceo el Rey David a Bercelai hũ grande lugar no paez de Gilead que era ja de oitenta annos. Respondeo *Etto genarius sum hodie non indigeo huiusmodi*. Respondeo que aiaz tinha aprendido em tantos annos a defenganarie das Cortes, q̄ o deixava el Rey retirado com figo, &

tratar da sepultura; porém q̄ aceitava o lugar pera hũ seu filho q̄ tinha de pou-
ca idade: *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat tecũ.* Parece q̄ se implica nesta açã o
amor de pay, mas explicafẽ bẽ o engano do mũdo. Desenganarãõ a Bercellai
os muitos annos propios pera nãõ querer o Paço pera sy, & enganarãõ os
poucos annos alheos pera querer o Paço pera o filho. Nãõ sei que tẽ o Paço,
& os poucos annos, q̄ inda quando o conheçẽ os muitos, nãõ se atrevẽ ao dei-
xar os poucos, Teve conhecimẽto pera o deixar hũ velho, nãõ teve animo pe-
ra o acõselhar a hũ moço. Sendo mais fácil de dar o cõselho, q̄ o exẽplo, deu o
exẽplo Bercellai, mas nãõ se atreveo a dar o cõselho. Antes parece q̄ substituiu a
pay nos annos do filho, pera lograr na mocidade alhea, o q̄ na propria velhice
nãõ podia. E q̄ nãõ avẽdo valor na velhice pera deixarẽ totalmẽte o mũdo, in-
da aquelles, aquẽ o mũdo dexa; q̄ haja resoluçãõ na mocidade pera meter o mũ-
do debaixo dos pès, quẽ o mũdo trazia na cabeça! O q̄ bẽ se defronta hoje a
natureza humana. Lá dizia S. Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mudo.* O
mũdo estã crucificado em mĩ, & eu estou crucificado no mũdo. Se o mundo
estava, crucificado em Paulo, tinha o mũdo viradas as costas para Paulo: se
Paulo estava crucificado no mũdo, tinha Paulo viradas as costas pera o mũ-
do. E q̄ dẽ eu as costas ao mũdo, quãdo o mũdo me vira as costas; nãõ he mu-
to. Mas q̄ quando o mũdo me mostra bõ rosto, dẽ eu de rosto ao mũdo; esta
he a valẽtia maior. Que quãdo o mũdo se ri de vòs, vòs choreis por elle, õ fra-
queza! Mas q̄ quãdo o mũdo se ri pera vòs, vòs vos riis delle; õ valẽtia!

He tãõ grãde valẽtia esta, q̄ sãdo propriedade das forças da rezãõ nãõ fiou
S. Paulo o credito della, senãõ dos poderes do tẽpo. Falla S. Paulo de Moyfes,
& dis assim: *Moyfes grandis factus negavit se esse filium filiae Pharaonis, magis eligen-*
affligi cũ populo De. &c. Moyfes depois que foi de maior idade, deixou o paço
del Rey Farãõ, deixou a Princesa, deixou quãto ali possuia, & esperava; escollhẽ-
do viver pobre, & sã liberdade, cõ o povo de Deos no captiveiro do Egypto.
O em que reparo aqui he, no *grandis factus*: que fes isto Moyfes depois de ser
de maior idade. E a que vẽ agora aqui a idade? S. Paulo tratava de resoluçãõ,
& nãõ dos annos de Moyfes. Pois se a resoluçãõ estava no animo, & nãõ nos
annos, porque dis que era de maior idade Moyfes, quãdo deixou o Paço, & se
cativou por Deos? Direi. Moyfes criara se no paço del Rey Farãõ, desde minino,
era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, que o adoptara por filho,
e como tal era sãvido, e venerado cõ authoridade, e magnificẽcia real. E dei-
xar Moyfes a grãdeza, e regalo do Paço, deixar o amor de hũã Princesa, deixar
a cercania de hũã coroa, pareceo lhe a S. Paulo q̄ nãõ era facill a crejvel em
poucos annos; por isso ajũtou a resoluçãõ cõ a idade, pera a idade desse credito
ã resoluçãõ: *Moyfes grandis factus.* Como se differa. Ninguẽ duvidã galhardã
acçãõ de Moyfes, porq̄ quãdo a fes, era ja de maior idade. Nãõ a sua
Ora seja embora a resoluçãõ de Moyfes victoria do mũdo, q̄ a grãdeza
celebramos hoje, cõ ser tãõ parecida em tudo a de S. Paulo, que gloriã della
o tẽpo, senãõ a rezãõ. O poder da rezãõ, o q̄ lá fes o poder, do tẽpo:
Elisabeth impletũ est tẽpus.

Et audierunt vicini, & cognati eius quia magnificavit Deus misericordiam suam cum illa.
 Tãto q̄ nasceo S. Ioaõ (dis o Evãgelista) toouse logo pelo lugar, q̄ engrãdecera
 Deos sua misericordia cõ S. Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* No-
 tavel dizer! Parece q̄ não está boa a cõlequecia do texto. O q̄ soo u pelo lugar,
 avia de ser o q̄ succedea em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, e soar outra,
 isso acõtece nas Cortes lisõ geiras, e maliciosas, & não nas mõtanhas simples. O
 nollo Evãgelho o dis: *Divulgabatur omnia verba haec:* que o que se divulgava, era
 o mesmo q̄ succedia. Pois se o q̄ succedea foi nacer o Baptista: *Elisabet peperit filium;*
 como dis o Evãgelista, q̄ o q̄ soou foi q̄ engrãdecera Deos sua misericordia. *Et*
audierunt, quia magnificavit Deus misericordiam suam! Grãde louvor do Baptista! Quãdo
 as vozes dizião em casa de Zacharias, q̄ nacera Ioaõ, repetião os eccos nas mõt-
 anhas, q̄ Deos engrãdecera sua misericordia; por q̄ quãdo Ioaõ sae ao mũdo,
 augmentaõse os tributos a Deos; quãdo Ioaõ uace, Deos crece. Não he arroja-
 mẽto, senão verdade muito chãa. Disse o mesmo S. Ioaõ, & mais fallava em
 seus louvores cõ grãde modestia: *Illud perier crescere, me autẽ minui.* Importa q̄ el-
 le creça, & q̄ eu diminua. Aquelle (elle) não se refere menos, q̄ ao Verbo hu-
 manado. Pois como assim? Deos ainda em quanto humanado não pòde
 crescer. Como logo dis S. Ioaõ: *Illud oportet crescere:* importa que elle creça? E
 dado que podesse crescer, que dependencia tinhaõ os crecimentos de Deos, das
 diminuições do Baptista? Deos he grãde se depeder de ninguẽ. Como dis lo-
 go: *Illud oportet crescere, me autẽ minui:* importa crescer elle, & diminuir eu? He pos-
 sivel crescer Deos? E he possivel, q̄ o seu crescer depeda do Baptista? Sã. Porq̄ ain-
 da q̄ Deos, por ser infinito, não pode crescer em sy mesmo, por ser limitado o
 concebimento humano, pode crescer na nossa estimaçãõ. E na estimaçãõ dos ho-
 mẽs, nẽ Deos podia crescer se diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia diminuir
 se Deos crescer. Ora vede como. O cõceito q̄ os honrẽs fazião de Deos anti-
 guamẽte, era tal, q̄ quãdo o Baptista appareceo no mũdo, assentaraõ q̄ elle era
 Deos. Cõfoi me esta resoluçãõ lhe foraõ offerecer adorações ao deserto, onde
 o mesmo S. Ioaõ os desegnaõ. E como o mesmo Baptista, & Deos, na opiniõ
 dos homẽs, erãõ iguaes; tãto q̄ por seu testemunho se desfes esta opiniõ: ne-
 cessarianẽte creceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista, porq̄ fi-
 cou menor q̄ Deos: creceo Deos, porq̄ ficou maior q̄ o Baptista. De sorte, q̄ de-
 pois q̄ o Baptista veio ao mũdo, ficou Deos, pera cõ os homẽs, maior do q̄ dãtes
 era: porque dantes era como o Baptista, depois começou a ser maior q̄ elle.
 Dõde se infere em grãde louvor deste grãde Sãto, q̄ a medida do Baptista he
 ser menor q̄ Deos, & a medida de Deos he ser maior q̄ o Baptista. Não tenho
 menos abonãto fiado q̄ S. Agostinho. *Quisquis Ioanne plus est nõ tantum homo, sed*
Deus est. S. Ioaõ he menor q̄ Deos. Sabeis que he Deos? he maior
 q̄ Ioaõ. O estaõ meõças; porẽ, q̄ em quãto S. Ioaõ o não disse, erãõ iguaes:
 depois q̄ o testemunho começou Deos maior q̄ Ioaõ. De muito logo, que
 tieça Deos nos seus attributos, quãdo S. Ioaõ nace no mundo? *Et audierunt*
quia magnificavit Deus misericordiam suam.

Desta mizira creceo Deos naquelle tẽpo, & tambẽ eu hoje, se a coside-
ração me nam engana, o vejo muito crecido. Entam creceo nas minguan-
de Ioam, hoje crece nas minguan-tes do mũdo. Apareceolhe a Nabucodo-
nosor aquella tão repetida, & tão prodigiosa estatua; & vio o Rey, q̄ tocãdolhe
hũa pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra
creceo à grandesa de hũ môte: *Factus est mons magnus, & replevit terrã.* Pera entẽ-
der esta figura, q̄ he enigmatica saibamos quẽ era pedra, & quẽ a estatua. Em
sentido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua, era o mũdo, a pedra era Deos
Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pôde crescer? E se a estatua
he o mundo como diminue a estatua? O mundo diminue? tudo sãõ effeitos
da estimacão dos homẽs. Segundo a estimacão q̄ fazemos de Deos, & do mũ-
do, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a esta-
tua. Se pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mũdo, & diminue Deos, se
pomos o mundo aos pés de Deos, crece Deos, & diminue o mũdo. Deixar a
Deos por amor dos nada do mũdo, he fazer a Deos menor que nada: mas dei-
xar o tudo do mũdo por amor de Deos, he fazer a Deos maior q̄ tudo. *Accedet
homo ad cor altum, & exaltabitur Deus.* Bemdito seja elle, q̄ de quantas vezes ve-
mos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos ho-
je tam grãde, & tam crecido! Tam crecido, & tão acrecẽtado está hoje Deos
em sua grandesa, quãtas sãõ as grandezas do mundo q̄ vemos a seus pés arro-
jadas. A estatua de Nabuco, na estatura representa va grandezas, na materia ri-
quezas, na significacão estados, & tudo isto abrasado em fogo do coração se
rende hoje em cinzas aos pés de Christo. Ninguẽ melhor sacrafica a Deos o
mundo, q̄ quem lho offerece em estatua. Porq̄ o mundo em estatua he muito
mayor q̄ sy mesmo. Pera derrubar com hũa pedra ao Goliath bastou a funda
de David, Pera derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco forãõ necessã-
rios impulsos (posto q̄ invisiveis) do braço de Deos. O Goliath tinha de altura
seis covados, a estatua tinha sessenta; q̄ nas grandezas mais pôposas do mũdo
sempre sãõ mayores os Gigantes q̄ as estatuas. Nunca as machinas vivas
igualãõ a medida das sonhidas. Sonha a fantezia, promete a esperãça, pro-
fetiza o desejo, representa a imaginacão: & ainda q̄ a soltura destes sonhos, o
comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas re-
presentações nũca chegãõ; mais triumpho o amor divino, quando piza o fã-
tastico, q̄ o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir, he
usura de merecer, porq̄ quem mais dá, mais merece, & quem dà os bẽs na es-
perança dàõs onde sãõ mayores. A melhor parte dos bẽs de a vida he o es-
perar por elles: logo mais faz quẽ se inhabilita pera os esperar, quẽ se priva
de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes do mundo, quando lã-
çavãõ as redes, & não quando as recolhãõ: *Mittentes retes in mare.* Porq̄
faz quem deixa as lanças, que quem deixa os lanços recolhe. As re-
des quando se lançãõ levãõ em cada malha nũca esperãça, os lanços quãdo
se recolhem trazem muita recõfiança.

santificado nas entranhas de sua mãy, porq̃ se fogeita ao rigor da circuncisãm? Porque ain ja q̃ a circuncisãm não lhe tirava o peccado original, de q̃ estava livre, acrescentavalle a graça da justificaçam com que nacera santificado. E esta he nos servos de Deos a maior fineza da virtude, fogeitarem se a tomar pera augmento da graça, os rigores, q̃ Deos deixou pera remedio da culpa. A circuncisãm nos outros homens era remedio da culpa, em S. Ioaõ era só augmento da graça; & fogeitar se S. Joam pera maior graça, nas izenções de innocete aos remedios de culpado! Grande açam: grande sacrificio. Palla Zacharias á letra da maior sacrificio da ley da Graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, & dis assim: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus, nisi frumentū electorū, & vinū germinans?* Que cousa fes Deos fermosa neste mundo, tenão o pão dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, nam a verá quem o negue. Mas que diga o Profeta, que não ha outro tam bõ como elle: *Quod bonū ejus, & quod pulchruū ejus?* Não sey como o avemos nds de conceder. E pera q̃ não vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo da Crus, nam he tam bõ como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porq̃ dis Zacharias, q̃ o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he menor q̃ todos? A rezam da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Crus foi sacrificio pera remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio pera augmento de graça. Ainda que em Christo nam avia peccados proprios, nem merecia graça pera sy; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfaçam de nossos peccados, & os meios de nossa justificaçam. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia pera augmento da graça, quanto sacrificou na Crus pera remedio da culpa! q̃ empenhe corpo, & sangue pera augmentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue pera alcançar perdã ao peccado! he circumstancia de sacrificio tam revelante esta, q̃ da mesma identidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagens: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circuncisãm do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisãm, pera remedio da culpa, deu o S. Ioaõ (q̃ a não tinha) só pera augmentos da graça, & q̃ se sacrifique hu innocente, pera crecer na graça ao que esta fogeito o peccador pera remediar a culpa! Grande açam do Baptista. Mas nam foi sua só esta ves, nem sua somente.

Duas innocencias temos hoje fogeitas aos remedios da culpa: nbas condemnadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̃ tais innocencias como estas sabe fazer o Amor Divino. Coadena innocencias como estas castiga merecimentos como delitos. Que façã o grande penitencia, q̃ grandes peccados, he muito justo; q̃ a penitencia, q̃ remedio do peccado. Mas que se re- ta se de hante ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue co- os lanços quando em que peccou vossa innocencia: tum cor delicado e

percezo! Hũa alma innocente castigada cõ tanto rigor! Se o Baptista fora o maior peccador, q̃ avia de fazer senam isto! Mas isto fes, porque avia defer o maior Santo. Nam pode chegar a mais o mais fervoroso desejo da santidade, que fõgeitar-se aos remedios do peccado que goza os privilegios da innocẽcia. Encarece S. Paulo o amor de Christo pera cõ os homẽs, & dis desta maneira aos Corinthios: *Qui peccatũ nõ noverat pro nobis peccatũ fecit.* Amou o filho de Deos tanto aos homẽs, q̃ nõ tendo conhecimẽto de peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo nõ era innocẽtissimo, antes a mesma innocẽcia? por rezão da uniam ao Verbo sua alma nõ era impeccavel? As mesmas palayras o dizẽ, *qui peccatũ nõ noverat.* Pois como pode caber delito na innocencia; como pode ser, q̃ o impeccavel se fizesse peccador! *Pro nobis peccatũ fecit.* Respondo. O impeccavel nõ se pode fazer peccador de culpas, mas podesẽ fazer peccador de penas. Nãõ pode cometer peccado quanto à culpa, mas podesẽ fõgeitar à pena do peccado como se o cometera. Isto he o que fes Christo por amor de nõs, & isto he o que muito encarece S. Paulo em seu amor: *Qui peccatum non noverat, pro nobis peccatum fecit.* Nãõ pode o amor chegar a maior extremo, nõ se pode adelgaçar a maior fineza, q̃ a fazer-se peccador nas penas quem he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitẽcia o remedio de seu peccado: mas fazer-se peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na penitencia o desfõgo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofende; neste pelo que ama: vede quaes agradaram mais a Deos, se as satisfaçoens do offendido, se as obrigaçoens de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! consenti os termos da igualdade quanto entre o divino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor competidas, como as dividas de nossa obrigaçam desempenhadas. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, hũa innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, esposo do Ceo; que estas sãõ as cores de vosso pẽsamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras de vosso Reyno: *Filie Babilonis induuntur purpura, & bisso,* (dizã S. Bernardo em semelhante açãõ à Virgem Sofia) *& subinde conscientia pannaosa jacer: fulgent montibus moribus sordent. E contra tu, foris pannaosa, intus speciosa resplendes; sed divinis aspectibus non humanis: intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* Nem a rouancear me atrevo estas palayras, porque em tanta differença de eleiçoens, ou se hade repar com o aggravo, ou cõ a lifonja. *E contra tu* (sõ isto quero repetir) *Foris pannaosa intus speciosa resplendes.* Vello cõtrario vds, õ esposa de Christo (dis S. Paulo) arde como dentro tendes a quem quereis aggradar, por dentro traz

por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores: *Foris pannaosa intus speciosa resplendes.* Verdadeiramente, que quando reparo nestas

a, intus spe
me parece qu

ja finaes de... do ruizo. Hum dos finaes do dia
 dis S: roam no Apoc. 6.) vestirse o Sol de cilicio. *Et fac-*
cus cilicinu E ja vemos v tido de cilicio o Sol, se

Et vocabat eum nomine patris sui Zachariam. Feito o acto da circuncisãõ tratou-
 se de dar nome ao menino, & queriam os circunståtes, q se lhe puzesse o no-
 me de seu pay, & q se chamasse Zacharias. Ouvio isto S. Isabel, & disse: *Nequa-*
quã; por nenhum caso: nam se ha de chamar alli. E porq rezam? Porq não se ha
 de chamar Zacharias o filho de Zacharias? Não era nome sãto? Não era nome
 illustre? Nam era nome authorisado? Nam era nome glorioso? Sy era, mas eca
 nome de pay: *Vocabat eum nomine patris sui.* E o nome dos pays quanto mais il-
 lustre, quanto mais glorioso, tanto menos o hade tomar quem professa servir
 a Deos, como professava o Baptista. No nome perpetuase a memoria dos pa-
 ys: na Religiam professase o esquecimento delles: *Obliviscere populum tuũ, & do-*
mũ patris tui. E como o Baptista avia de ser (como foi) primeiro fudador, & e-
 xẽplar de Religiosos: naõ quis prudẽte S. Isabel, q tomasse o nome de Zacha-
 rias; porq nam era justo, q cõservasse a memoria dos pays no nome, quẽ pro-
 fessava o esquecimẽto dos pays na vida. Quereis q se chame Zacharias; porq
 he nome de seu pay? Alegais contra vós. Antes porque he nome de seu pay,
 se naõ ha de chamar alli: *Vocabant eum nomine patris sui Zachariam, & ait mater e-*
ius nequaquam. Que grandemẽte imitãdo, se bẽ em parte excedido vemos ho-
 je este exemplo do grande Baptista. S. Lucas, porq ecrevia pera a memoria
 dos futuros, detevete neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Ioã;
 eu q fallo aos olhos dos presentes, naõ me he necessario determe em tão fãbi-
 do, como tambẽ me naõ fora possivel em tão grandioso assumpto. Muito fas
 quẽ deixou o nome de Zacharias, authorisado alfim cõ hũa teara; mas muito
 mais fas quem deixa o gloriosissimo nome de Gusmaõ (glorioso no Ceo, &
 na terra) cujo real, & eclarecido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda
 Europa; & hoje com mais gloria, que em nenhum outro Reyno (posto q
 com igual magestade em tantos) o vemos felicemente coroadõ, & veremos
 em immortal descendencia, no noisõ de Portugal. Este he o famosissimo em
 todas as idades: o eminẽtissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas
 as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmaõ; & es-
 te he o q hoje vemos deixado pelo humilde da Cruz. Naõ sei se admire nes-
 ta eleiçãõ o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tu-
 do me parece Angelico.

Quando os Anjos no sepulchro de Xpõ, pergutarãõ às Marias o q buscavãõ,
 uzaraõ de differetes termos (segũdo diversos Evãgelistas) o Anjo de S. Math.
 pergũto se buscavãõ a Jesy crucificado: *Iesum, qui crucifixus est queritis.* O Anjo
 de S. Marcõ perguntou se buscavãõ a Jesy Nazareno crucificado: *Iesum qua-*
eritis Nazarenũ, qui crucifixus est. Pois se o Anjo de São Marçõ chamou a Christo
 Jesy Nazareno crucificado: porq rezãõ o Anjo de S. Matheus lhe chamou Jesy
 crucificado: & não fallou no Nazareno? O melhor comẽtador dos E-
 vãgelistas Maldonado, norõu adverteo q o Anjo de S. Ma-
 theus o Anjo de S. Marcõ appareceo como home:
non hominem appellavit. De do Texto. Porque S. Matheus

Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da Crus foi cruento, mas foi unico; o sacrificio do altar he incruento, mas he quotidiano.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tem hum grande desâr esta fineza, que quem a fas não pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a ultima. E como Christo amava tam extremamente aos homens, & via que morrendo na Crus se acabava a materia a suas finezas; q̄ fe? Inventou milagrosamente no Sacramento hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & nam acabando poder repetir a morte. Esta he a ventagem, que leva em Christo o amor, que nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mostrou na Crus. Na Crus morreo hũa ves; no Sacramento morre cada dia: na Crus deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte. A Espôsa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirá a verdade desta fineza: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus amulatio*, O amor, se he grande (que isso quer dizer *dilectio* he como a morte; & se he maior (que isso quer dizer *amulatio*) he como o inferno. Notavel dizer! Porque rezam compara Salama o amor grande á morte, & o amor maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença que a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor grande se compara á morte, & o maior ao inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer huma ves; perpetuar a morte he estar morrendo sêpre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Crus, & no Sacramento. Competio o amor de Christo no Sacramento, & o amor de Christo na Crus; o da Crus foi como o da morte, porque chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foi como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernus amulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porq̄ tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a rezam porq̄ o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que com a Crus. Na Crus morre se hũa sô ves, no Sacramento morre se cada dia. Sei q̄ disse S. Agostinho, q̄ sô os Martyres pagão a Christo a fineza q̄ fes em se deixar no Sacramento, porque morrem por quem morre por elles: *Qui accedis ad Mensam Principis debes similia prsparare, hoc beati Martyres fecerunt*. Mas esta rezam de S. Agostinho (dênos licença o lume da Igreja) impugna se facilmente. Porque muitas mortes nam se pagão com hũa sô morte: Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morrem hũa sô ves; logo não pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois q̄ diremos a isto? Digo q̄ os Martyres pagão a Christo na Crus, os Religiosos pagão a Christo no Sacramento. Os Martyres pagão a Christo na Crus, porque morrem hũa ves, porque morreo por elles; os Religiosos pagão a Christo no Sacramento em cada dia porquem morre por elles todos os dias. Ha nos Religioso, que o exemplo de todos, S. Paulo: *De manibus, q̄ allim como Christo no Sacramento de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida*

a vida, & não acabando poder repetir a morte; assi os Patriarchas das Religiões (& melhor q' todos o Serafico em seu divino instituto) parecêdo-lhe pouco amor não morrer, & pouca morte morrer hũa só vez; acháráo este modo milagrosamente natural de viver morrendo, pera na morte multiplicarem as entregas da vida, & na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religiões S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religiões mais estreitas, & dis q' a cella de hũa alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura emula.* Pois saibamos; que calidades té hũa cella pera tão nobre cõperencia? Em que presunções se funda esta emulação? Que se cõpare a cella a qualquer sepultura; justa semelhãça: porq' onde o habito he hũa mortalha, o leito hũ ataudê, as paredes tão estreitas, & cõ tão pouca luz, como estas que vemos, muito ha de sepultura. Sepultura si: mas sepultura não outra, senão a de Christo; porq' razão? Porq' nas outras sepulturas morá só a morte, na sepultura de Christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas, ó religiosos spiritos. *O cella Dominica sepultura emula, que mortuos suscipis, & revivescere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois está em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porque nam tem usos a vida; a morte resuscitada, porque tem alentos a morte. Es huma suspensão gloriosa de morte, & vida (se bẽ gloriosa cõ pena) onde posta a alma nas rayas do viver, & morrer participa indicisãmête o mais riguroso de ambas; insensível, como morta, pera o gostoso da vida: sensitiva, como viva, pera o penoso da morte. Em ti se vé multiplicado o milagre natural da Feniz, sendo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nasce a morte, faltando cinzas, mas não faltando incendios. Em ti (& cõ maior propriedade hoje) se vé verdadeira a metaphora dos orizontes, sendo oriente, & occaso juntamente, onde o Sol no mesmo instãte morto, & nacido resuscita a hũ emisferio quãdo se sepulta a outro. Em ti finalmente (cõ seres a melhor parte do paraíso) se vé sem fingimêto a fabula do inferno, sendo cada Religioso spirito hũ Ticio em bẽaventuranças de penas, q' não podendo morrer pera morrer mais vezes, té morta a vida, & immortal a morte: *Semper q' renascens non perit, ut possit saepe perire.* Não he muito que ache eu cõparações no inferno ao maior sacrificio, quãdo no inferno as buscou a alma santa ao maior Sacramento. De hũ, & outro se pode dizer cõ grãde semelhança: *Dura sicut infernus emulatio.* E como o sacrificio da Religião por ser morte perpetuada, se parece mais cõ o Sacramento, q' cõ a Cruz; do o officio dos nomes declara a essencia das cousas; parece q' quem professa a Religião não se deve chamar da Cruz, senão do Sacramento: *Et vocabitur non patris sui Zachariam, b'c est memoriam Domini.*

Cõ tudo responde a Cruz. Por nẽo
Porq' Pell. mesma, q' o persuade. Porq' se o nome
no estado Religioso, & o nome de Cruz dis meno

ve tomar o nome da Cruz, & não do Sacramento. Na eleição dos nomes ha hũa
 differença tomada dos fins porque se elegê: os nomes que se tomão por ver-
 dade dizê tudo, os que se tomão por vaidade dizê mais, os q se tomão por hu-
 mildade dizê menos. E como a mesma humildade q desprezou a grandesa dos
 nomes paternos, foi a q fez a eleição do nome Religioso: por isso com discreta
 impropriedade escolheu o nome diminutivo da Cruz, em que he mais o que se
 calla, que o que se dis. Como respondo a Christo Sacramentado, cõ o mesmo
 nome do Sacramento quero confirmar a resposta. O Sacramento do altar cha-
 mase Corpo, & Sangue de Christo. Esse nome lhe deu o mesmo Senhor: *Hoc
 est corpus meũ. Hic est calix sanguinis mei.* Pergunto: & ha no Sacramento mais algũa
 coufa? Ha alma, & ha divindade. Pois se no Sacramento não só está corpo, &
 sangue, senão tãbem alma, & divindade, porq senão chama corpo & alma, sã-
 gue, & divindade de Christo, senão corpo, & sangue semente? Porq este nome
 deu Christo ao Sacramento na hora em q se quis mostrar mais humilde. A ho-
 ra em q Christo se mostrou mais humilde foi a mesma em q instituio o Sacra-
 mẽto de seu corpo, & sãgue, dispõdo aos Apostolos cõ a pureza do lavatorio: &
 a sy cõ a humildade de lhe lavar os pés . E como Christo poz o nome a este
 mysterio cõ advertências de humilde, por isso declarou semente o menos, que
 nelle avia; que os nomes, q cõpoem a humildades èpre callão mais do q dizê.
 O que dis he corpo, & sangue; o q calla, he alma, & divindade. O mesmo passa
 no nosso caso: que inda q senão tomou o nome ao Sacramento, seguiu-se o
 exemplo. Deixase o nome do Sacramento, porq dis menos, que se preza o ver-
 dadeiro amor, do q he, & não do q significa. Bastelhe à Religião ser Cruz, *ex vi
 verborũ*, inda q seja muito mais *per concomitantiam*. Tão justo foi logo deixar-se o
 nome de Zacharias, quãto à significação, como quãto à realidade: *Et ait mater
 ejus naquaquam.*

Acabou-se-nos o thema; & se me nam engano tenho ponderado todas as
 clausulas d'elle, cõ alguma semelhança às obrigações deste dia. Mas tãbe vejo q
 reparariaõ os mais curiosos em que passei em silencio aqu-llas palavras: *Audie-
 rũt vicini, & cognati, & congratulabũtur ei.* Confesso q não fallei nestas palavras, &
 tambẽ cõfesso, q as deixei, porq nam achei nellas semelhança senam muita dif-
 ferença do nosso inteto: *Cognati, & vicini cõgratulantur ei.* Lá no nacimẽto do
 Baptista dis o Evãgelho, q os parentes, & os vizinhos estãvão muito cõtentes,
 & agradecidos; porem cá não he assim. Tam fora estão de poderẽ estar cõtentes
 os vizinhos, & os parêtes; q antes o parentesco, & a vizinhança tem rezam
 de estar qu-rosos. Tem rezaõ o parêtesco de estar queixoso, porq se vê a sy
 deixado: rezam vizinhança de estar queixosa, porque vé os estranhos prefe-
 ridos. do o f-igue se vé deixado, porque não ha de estar queixoso o pa-
 rentesco as Estrangeiras se vem preferidas às naturaes, porque não ha
 vizinhança? Nam se diga logo *Cognati, & vicini cõgra-
 tulantur ei.* queixas, e cõfesso,
 q não tẽ rezam o parêtesco d'estar queixoso: porq

do as obrigações do sangue se deixão pör amor de Deos, nam he fazer offensa, he fazer lisonja ao parêtesco. Da parte de qué he deixado he sacrificio, mas da parte de qué deixa he lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo em sua casa, & tinha esta senhora hũa irmã a qué o texto chama Soror Maria: *Et huic erat Soror nomine Maria*, A qual se retirou com Christo; & assentada humilde a seus pés o estava ouvindo, & contêplando. Chegou Martha ao Senhor, & disse-lhe: *Domine non est tibi cura quid Soror mea reliquit me solam ministrare?* E bñ Senhor tão to vos descuidais de mim, q não vedes, que minha irmã me deixou só? Esta foi a historia, duas são as minhas ponderações. Digo, que Martha na queixa que fez de Maria offereceo hũ grande sacrificio a Christo, & Maria na occasiam que deu á queixa, deu huma grande satisfação a Martha.

Difficulto assim. Christo nam foi o q chamou a Maria? Maria foi a q se affetou a seus pés sagrados. Pois se a occasião justa, ou injusta da queixa a deu Maria & nam Christo; porq propõe Martha a sua queixa a Christo, & não a Maria? Porq Martha nesta accam nam pretêdo tão dar queixas de Maria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se dissera Martha. Nam cuideis Senhor, q sò Maria he a q faz as finezas, q eu també vos offereço as minhas Maria sacrificia sua devação, eu sacrificio minha soledade: *Reliquit me solā ministrare*. Ella offerecevos o estar cõ vosco, eu offerecevos o estar sem ella. De sorte, q em hũa acção avia alli dous sacrificios: hũ de Maria, por q se fora pera Xpõ outro de Martha, por q a deixara Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior? de Maria, ou o de Martha? Eu não me atrevo a dar sentença nesta causa. Só digo, q se neste lugar prégara S. Pedro Chryfologo avia de dizer, q o sacrificio de Martha era maior, q o de Maria. Pergunta S. Pedro Chryfologo, que fez mais, se Abraham em sacrificar a Isac; se Isac em se offerecer ao sacrificio. Resolve q Abraham; & verdadeiramente té a escritura por sua parte. Pois se Isac era a victima, q avia de ficar morto; se Abrahão era o Sacerdote, q avia de ficar vivo; como era, ou como podia ser, q o sacrificio fosse maior em Abrahão, q em Isac? A rezam he esta. Porque Isac sacrificava a tua pessoa, Abrahão sacrificava a sua soledade: Isac offerecia se a ficar sem vida, Abrahão offerecia se a ficar sem Isac. E segundo o maito, que Abraham amava aquelle filho, maior sacrificio fazia em o dar a elle q elle em se dar a sy. Bñ digo eu logo, q foi grãde sacrificio o q Martha offereceo a Christo entre suas queixas, pois lhe sacrificou nam menos, que a soledade de Maria *reliquit me solam ministrare*.

E q Maria na mesma occasiam, q deu a queixa, deu hũa grãde satisfação a Martha, não ha duvida. Porque? Porq deixar Maria a Martha nam por amor doutrem, senam por estar cõ Christo, foi dizerlhe a Mãe, fazia tam grãde estimação de sua companhia, que só por Deos a podia deixar, & só com Deos apodia supir. Vê to os filhos de Israel, q avia q se separava de Moyses, por esta razão, com Deos, determinar

se; & isto não se ter com Arã & unferão alliam. *Et nobis*
est enim huic viro nescimus quid scideris; Arã. fazemos p

exiret de terra, Egypti, linguam, quã, non noverat, audivit. Sahir do Egypto pera on-
de se ouve outra lingua, illo ne peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o vi-
ver entre gête de lingua estranha, bem digo eu, q se virão aqui júsas milagrosa-
mête a clausura, & a peregrinaçam: a clausura no lugar, a peregrinaçam na cõ-
panhia. Nam deve logo de estar queixosa a visinhança, posto q a queixa pa-
recia justificada; antes té obrigaçam as Religiosas Portuguezas de se edificarê,
& alegrarem muito de verem) (sobre hũ tao grande exemplo) hum tam novo,
& particular spirito na profissam de seu estado; trocando as apparencias do se-
timento em motivos de parabens; *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & cõ elle as victorias do impossivel, q affirm se
chama. Doulhe este nome nam sò por ser Sermam do Nacimêto do Baptista,
cõ o qual provou o Anjo, que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit impossi-
bile apud Deũ omne verbi;* Senam por ser Sermão desta profissam solemniſsima,
que celebramos, na qual sem aver reparado, deixo provados seis impossiveis.
No nacimiento do Baptista venceose hũ impossivel, que foi ajutar se esterilida-
de cõ parto: *Elisabeth peperit filiũ.* No acto desta profissam vécerãose seis impos-
siveis, q forão os q ordenadamête vimos em seis discursos. No primeiro ajun-
tar se a Corte cõ o deserto. No segũdo a mocidade cõ o desengano. No terceiro
a grandeza cõ o desprezo. No quarto a innocencia cõ o castigo. No quinto a
vida cõ a a morte. No sexto a clausura cõ a peregrinaçam. E seis impossiveis
vencidos na terra, que devem esperar senão seis coroas ganhadas no Ceo? Dar-
voshã no Ceo, esposã serenissima de Christo, a Corte com o deserto hũa co-
roa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade cõ o desengano huma
coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza cõ o desprezo huma
coroa de humildade entre o coro dos Apostolos. A innocencia cõ o casti-
go huma coroa de penitente entre o coro dos confessores. A vida cõ a mor-
te huma coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura cõ a pe-
regrinaçam huma coroa de peregrina entre o coro das Virgens. Assi trium-
pha quem assi vence: assi alcança quem assi merece: assi goza quem assi tra-
balha; assi reyna quem assi serve; nesta vida a Deos por graça; na outra
vida com Deos por gloria. *Quant mihi, & vobis, &c.*

FINIS.

P. 211615 5